
A VIDA COMO MOSAICO: A CONSTRUÇÃO DE AUGUSTO DOS ANJOS
EM *A ÚLTIMA QUIMERA*

DANIELA KERN*

RESUMO

Este artigo analisa como Ana Miranda, em *A última quimera*, constrói a personagem Augusto dos Anjos, visando apontar algumas técnicas narrativas das quais a romancista se vale. Na presente análise, com a personagem ficcional Augusto dos Anjos, são cotejados tanto o *eu* lírico do poeta quanto o *eu* presente em sua correspondência pessoal e a imagem do poeta que aparece nas memórias de amigos e em sua fortuna crítica.

PALAVRAS-CHAVE: Romance biográfico, construção de personagem, Augusto dos Anjos.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro!
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,
A mão que afaga é a mesma que apedreja.
AUGUSTO DOS ANJOS

Há muito o meu espírito não goza a doce
emoção de receber e de ler uma cartinha
sua.

AUGUSTO DOS ANJOS

Ao transformar o escritor – aquela figura que já entrou para a história seja pelos méritos de sua obra, seja pelas peculiaridades de sua personalidade, seja por ambos os fatores – em personagem de romance, o romancista depara-se, inevitavelmente, com a complexa tarefa de reunir, em uma voz única, as quase sempre dissonantes vozes atribuídas a

* Pesquisadora PRODOC junto ao PPG de Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, RS).
E-mail: danielapmkern@yahoo.com.br

esse mesmo escritor por diversas fontes: a correspondência pessoal, os relatos de amigos íntimos e familiares, a fortuna crítica, os documentos legais e, sobretudo (mesmo quando o escritor é dos que praticam distantes e objetivos narradores em terceira pessoa), a obra literária de sua autoria. Foi com problemas dessa ordem que Ana Miranda teve de lidar ao escrever *A última quimera*, romance narrado em primeira pessoa, que reconstitui a vida e a morte do poeta paraibano Augusto dos Anjos, a partir das lembranças de um amigo de infância imaginário: “Nascemos na mesma região. Quando criança, eu ia passar férias no engenho onde ele morava. Vivemos nossa juventude juntos, estudando na mesma escola e morando na mesma república. Ele era o meu maior amigo, talvez o único” (MIRANDA, 2000, p. 53). Desvendar como esse problema foi resolvido pela romancista – através do cotejo do Augusto dos Anjos criado no interior do romance com o *eu* lírico do poeta, o *eu* presente em sua correspondência pessoal e a imagem do poeta que aparece tanto em memórias de amigos quanto em sua fortuna crítica, e do esmiuçamento de algumas das técnicas utilizadas em sua construção romanesca – é a nossa intenção a partir de agora.

Começamos pelo *eu* lírico de Augusto dos Anjos, tão famoso pela forte carga de pessimismo. O amigo fictício de Augusto comenta a filosofia do poeta:

Para ele o princípio da vida era a interpenetração de substância e imaterialidade, forças opostas e inimigas. Somente a separação desses princípios incompatíveis poderia salvar o homem. Mas a separação do espírito e matéria era a morte corporal. A vida devia ser estancada como se fosse uma hemorragia de verdades fundamentais que se lançavam no lodo do mundo. O ideal de virtude era a purificação, a conquista da imobilidade absoluta. (MIRANDA, 2000, p. 200)

O *eu* aí implícito, preocupado com o destino do espírito e inconformado com a finitude e a fragilidade da matéria, coincide, de fato, com o *eu* lírico que Augusto arquitetou em vários de seus poemas. O “Poema negro”, do qual reproduzimos trecho que trata justamente des-

sa tensa oposição entre abstração espiritual e concretude física, é um bom exemplo:

A passagem dos séculos me assombra/Para onde irá correndo minha
sombra/Nesse cavalo de eletricidade?!/Caminho, e a mim pergunto,
na vertigem:/Quem sou? Para onde vou? Qual minha origem?/E
parece-me um sonho a realidade./Em vão com o grito do meu peito
impreco!/Dos brados meus ouvindo apenas o eco./Eu torço os bra-
ços numa angústia douda/E muita vez, à meia-noite, rio/ Sinistra-
mente, vendo o verme frio/Que há de comer a minha carne toda!
(ANJOS, 1995, p. 148)

Além do pessimismo, gerado pela não-aceitação da inexorabili-
dade da morte, outra característica do *eu* lírico de Augusto, incorporada
por Ana Miranda em seu romance, é a sensação de envelhecimento pre-
maturo. O amigo fictício de Augusto afirma peremptoriamente: “Augusto
nunca foi criança” (MIRANDA, 2000, p. 237). E no soneto “Senectude
precoce”, de Augusto dos Anjos, essa velhice antes do tempo é o con-
ceito central, como fica claro em vários de seus versos: “Envelheci. A
cal da sepultura/Caiu por sobre a minha mocidade [...]”; “Hoje estou
velho. Olha essa neve pura!”; “Vinte e quatro anos em vinte e quatro
horas [...]/ Sei que na infância nunca tive auroras” (1995, p. 220).

Além desse *eu* lírico pessimista, um outro *eu* bem diverso é usa-
do por Ana Miranda na construção do seu Augusto – o *eu* de um filho
saudosos e dileto:

Quando demorava a chegar uma carta de sua mãe, Augusto se torna-
va ataque de asma, tomava banho de água muito fria, falava a cada
instante na falta de notícias, temeroso de significar alguma doença,
ou mesmo a morte, de sua adorada mãe [...]. Ele vivia voltado para
o seu passado. (2000, p. 19-20)

Tal *eu* é o mesmo que se encontra nas cartas que o poeta escrevia
a sua mãe, Sinhá Mocinha, enquanto estudava no Recife ou procurava
por uma boa colocação no Rio de Janeiro:

Tenho sentido saudades profundas de todos daí. A nostalgia não é uma ilusão, como muitos julgam: é um estado d'alma, real e doloroso que nos amortece as energias do espírito. Muita vez quedo-me em silêncio a pensar em Vm.cê, Ioiô e em todos enfim. Procuo, entretanto, desfazer a saudade, mas a saudade volta, irresistível, indômita, numa obsessão cruel que alanceia e tortura. (VIDAL, 1967, p. 139)

Ademar Vidal, primeiro a coletar, organizar e publicar em livro a correspondência do poeta, chega a descrever, em nota a uma das cartas, a forte aflição que tomava conta de Augusto sempre que as cartas de sua mãe atrasavam. Vale a pena transcrever tal descrição:

Por poucos dias que passasse sem notícias da Paraíba, sobretudo sem carta de casa, o poeta ficava intranquilo, tomado de uma inquietação visível, até de chamar a atenção dos menos íntimos. Comentava logo a possibilidade de achar-se enferma Dona Mocinha ou tão doente que não queriam avisar o seu estado. Por vezes até ia ao limite de julgá-la morta [...]. Quando acontecia transcorrer uma semana sem que o correio lhe trouxesse notícia, a angústia aumentava à proporção que o tempo se estendia por quinze, vinte dias. Nesta fase o poeta se tornava insuportável. Era de se correr dele, deixá-lo à distância. (VIDAL, 1967, p. 207)

A imagem pública de Augusto dos Anjos, que começou a se delinear junto a seus críticos enquanto ainda vivia, é fortemente marcada pela crença (equivocada) de que o poeta era um doente crônico, tísico ou tuberculoso, vítima de infância infeliz e de temperamento “esquizóide”. Ana Miranda não deixa de recolher também esse *eu* em seu romance, ainda que de forma crítica, irônica:

Talvez o aspecto de Augusto, excessivamente magro e escuro, seu ar de morcego tísico, seu jeito diferente, sua fama de poeta macabro, de comedor de sombras, seus apelidos de Doutor Tristeza e Poeta Raquí-tico, sua imaterialidade – vivia decididamente em outras esferas – fossem a causa da desconfiança que sofria. (MIRANDA, 2000, p. 128)

Em sua fortuna crítica, no entanto, conforme já foi dito, o tom é bem outro. São abundantes as especulações acerca de sua suposta doença. Para Órris Soares, seu amigo, em artigo de 1919, o poeta “trazia no seio” a própria morte: “A princípio sofreu muito por obsessão da doença, depois a doença lhe abriu os sulcos da consternação” (1996, p. 72). Gilberto Freyre, em 1924, não se furta a “reconstituir” a infância (segundo ele “infeliz”) do poeta “físico”: “Sua meninice deve ter sido sem encanto. No meio da mata grande do engenho, o menino triste deve ter ouvido o espírito da natureza tropical murmurar-lhe pela primeira vez ao ouvido já aguçado talvez pela tísica: ‘Se me amas, não penses, querido!’. Ele desobedeceu. Pensou. Pelo menos, quis pensar” (apud SOARES, 1996, p. 79).

Agripino Grieco, em 1926, promove Augusto dos Anjos à condição de tuberculoso: “Objetarão: mas o seu vocabulário técnico é impecável, mas a sua monomania de putrefação era explicável, porque a vida lhe foi uma constante moléstia, porque um tuberculoso como ele não poderia furtar-se à visão, ao horror do pus e sangue em que se desfazia!” (apud SOARES, 1996, p. 85). Medeiros de Albuquerque, em 1928, também não apresenta dúvidas quanto à precária saúde do poeta: “Ele foi um tuberculoso. Essa moléstia o minou durante muitos anos e acabou por dar-lhe a sua obsessão” (apud SOARES, 1996, p. 91). Raul Machado, em 1939, dá até mesmo a entender que não estranharia se, com tal carga genética, o poeta houvesse enlouquecido:

É especialmente neste fato que se devem buscar as determinantes da sua feição de poeitar, daquela maneira de sentir e descrever os fenômenos que lhe afetavam a emotividade, exagerada pela falência orgânica, pelo desastre de economia biológica, que o levou à insidiosa doença, como o poderia ter levado à loucura, para a qual não lhe faltariam, sequer, antecedentes hereditários... (apud SOARES, 1996, p. 98)

Nobre de Melo (1942, p. 66-68), acrescenta à tuberculose, a hipocondria:

É sabido que a tuberculose pulmonar condiciona em suas vítimas um particular estado de espírito [...] São, em geral, manifestações de tonalidade depressiva ou de feitio hipocondríaco, geradas pelo terror do aniquilamento orgânico [...] O pessimismo avassalante e corrosivo, que é a principal diretriz de suas reflexões, altera-lhe a percepção do mundo real, de modo a só permitir-lhe a visão do aspecto negativo das coisas.

E Álvaro Lins, em um texto de 1947, também aponta as consequências da “hipocondria” na saúde de Augusto:

É verdade que essa obsessão da morte – como a sua tendência para cantar o horrendo, a podridão e a desgraça – vinha da sua constituição de homem doente, desorganizado, devastado pelo desequilíbrio orgânico dos hipocondríacos. Mas que importa a causa, para a arte, se as suas explosões mórbidas não eram banais, mas se exprimiam quase sempre esteticamente? (1996, p. 125)

O último *eu* do qual Ana Miranda se vale na construção de seu Augusto é aquele formado pela lembrança dos que partilharam da intimidade do poeta, um *eu* íntimo e idealista, sensível e entusiasmado:

Para Dona Mocinha ele é ainda e sempre será aquele menino que tomava aulas debaixo do tamarindo, falava sozinho e arrancava páginas dos livros para ler escondido, o menino que ficava a contar as telhas da casa-grande e as estrelas nas noites de medo, o menino que escrevia poesias zombeteiras, o adolescente de galochas que acenava da janela do trem, o jovem que escrevia “seu filho ex-corde” e a consultava antes de tomar qualquer decisão. (MIRANDA, 2000, p. 108)

Um *eu* pouco evidente que também é, quando menos se espera, brincalhão, cheio de bom humor, jocoso:

Ele era assim. Achava que os sofrimentos vêm do inferno – e decerto vêm –, que são brincadeiras dos demônios. Tinha uma visão jocosa do inferno. Ao contrário do que pensam dele, era um homem surpreendentemente bem-humorado, em sua essência mais íntima. Ele

mesmo se tornava um demônio para escrever seus versos e os túmulos, os vermes, os esqueletos mórbidos, a noite funda [...] todos estes elementos da imaginação de Augusto não passavam de gracejos infernais. E, de certa forma, juvenis. (MIRANDA, 2000, p. 28)

É essa faceta alegre da personalidade de Augusto que Ademar Vidal defende em seu *O outro eu de Augusto dos Anjos*. Vidal, que, quando menino, foi aluno particular de Augusto dos Anjos, garante que o poeta se mostrava, na intimidade, altruísta, idealista entusiasmado e debatedor incansável, faceta bem diferente daquela que seus críticos, ao levarem “ao pé da letra” o *eu* lírico presente em seus poemas, acabaram por construir. Quanto à saúde de Augusto, Ana Miranda descarta no romance a tuberculose (doença, no entanto, que acomete uma outra personagem, Camila, a amante do narrador). José Oiticica, outro amigo do poeta, ainda no que tange à sua saúde, confessa o seguinte: “Nunca me falou em doença. Jamais o vi doente” (1996, p. 112).

Quanto às técnicas utilizadas por Ana Miranda na construção da imagem do Augusto ficcional, analisaremos duas das que envolvem o manuseio seja de informações relativas à biografia de Augusto, seja de textos por ele escritos: a *dramatização* e o *recorte e montagem*.

Iremos mencionar, em primeiro lugar, a dramatização. Em estudo introdutório a uma das muitas edições de *Eu*, Francisco de Assis Barbosa narra uma anedota (provavelmente baseada em fatos reais) que se passa logo após a morte de Augusto:

Dias depois da sua morte, ocorrida em Leopoldina, Órris Soares e Heitor Lima caminhavam pela Avenida Central e pararam na porta da Casa Lopes Fernandes para cumprimentar Olavo Bilac. O príncipe dos Poetas notou a tristeza dos dois amigos que acabavam de receber a notícia.

– E quem é esse Augusto dos Anjos? – perguntou.

Diante do espanto de seus interlocutores, Bilac insistiu:

– Grande poeta? Não o conheço. Nunca ouvi falar nesse nome. Sabem alguma coisa dele?

Heitor Lima recitou o soneto: “Versos a um carvoeiro”. Bilac ouviu pacientemente sem interrompê-lo. E, depois que o amigo terminou o último verso, sentenciou com um sorriso de superioridade: – Era este o poeta? Ah, então, fez bem em morrer. Não se perdeu grande coisa”. (Apud PROENÇA, 1975, p. 79)

Esse episódio é dramatizado por Ana Miranda em *A última quimera* (2000, p. 11-14). No lugar de Órris e Heitor, o protagonista passa a ser o narrador, amigo imaginário de Augusto. O soneto “Versos a um carvoeiro” é substituído pelos “Versos íntimos”, mais impactantes, capazes de chocar Olavo Bilac, ao invés de apenas aborrecê-lo. A reação de Bilac é então descrita em minúcias, e o “sorriso de superioridade” do episódio real é substituído por um indisfarçável constrangimento diante do talento de Augusto:

O senhor Bilac me fita, imóvel, os lábios entreabertos, os olhos um pouco arregalados, ainda segurando o queixo. “Pois bem”, ele diz, visivelmente perturbado. Olha para os lados. Num impulso súbito deseja livrar-se de mim. “Pois se quem morreu é o poeta que escreveu esses versos”, ele diz, “então não se perdeu grande coisa”. E parte, caminhando depressa, como se fugisse. (MIRANDA, 2000, p. 13-14)

Essas alterações reforçam a idéia de que Augusto é dotado de um gênio destabilizador e, talvez por isso mesmo, incompreendido.

O outro procedimento de que nos ocuparemos é o que denominamos recorte e montagem. Em um determinado momento do texto, Augusto dirige-se a seu amigo (o narrador) e diz o seguinte:

Há em mim, não sei por que sortilégio de divindades malvadas, uma tara negativa irremediável para o desempenho de umas tantas funções específicas da ladinagem humana. O que eu encontro dentro de mim é uma coisa sem fundo, uma espécie aberratória de buraco na alma, e uma noite muito grande e muito horrível em que ando, a todo instante, a topar comigo mesmo, espantado dos ângulos de meu corpo e da pertinácia perseguidora de minha sombra. (MIRANDA, 2000, p. 23)

Essa fala da personagem é resultado da fusão de trechos de duas das cartas que Augusto escreveu à sua mãe, Sinhá Mocinha, uma de 1911, “Como que há, em mim, não sei por que sortilégio de divindades malvadas, uma tara negativa irremediável para o desempenho de umas tantas funções específicas da ladinagem humana” (VIDAL, 1967, p. 193), e outra de 1913:

E o que eu encontro agora dentro de mim, é uma coisa sem fundo, uma espécie aberratória de buraco na alma, e uma noite muito grande e muito horrível em que ando, a todo o instante, a topar comigo mesmo, espantado dos ângulos de meu corpo e da pertinácia perseguidora de minha sombra. (VIDAL, 1967, p. 230)

A última carta, aliás, Augusto escreveu sob circunstâncias especialmente difíceis: convalescia de uma doença em pleno Ano Novo e estava longe da família, esposa e filha pequena, que se encontravam na Paraíba, junto a sua mãe. Os trechos recortados e montados fora do contexto original, colocados na boca de Augusto, acabam por projetar sobre o seu *eu* íntimo, conhecido de familiares e amigos, aquele outro *eu*, pessimista e angustiado, que aparece apenas em seus poemas. Assim transfere-se para a realidade da personagem uma personalidade que de outra forma só seria visível enquanto *eu lírico*. Ou seja, a narrativa observada em *A última quimera* presume que o *eu* lírico e o eu biográfico são, no fundo, um só.

Como pudemos constatar até aqui, a ambivalência aparece nas imagens de Augusto divulgadas pelo narrador: “Augusto era [...] obediente e caseiro como um cãozinho de regaço” (MIRANDA, 2000, p. 48-49). “Cãozinho de regaço” que, no entanto, “vivia mergulhado em suas sombras numa tal profundidade que ninguém conseguia alcançá-lo” (MIRANDA, 2000, p. 122). Angustiado e bem-humorado, pessimista e brincalhão, pacato e atormentado [...]. Não podemos esquecer, contudo, que o próprio narrador de *A última quimera* não é plenamente confiável: ele nutre por Augusto sentimentos desencontrados. Declara abertamente admiração incondicional ao talento do poeta: “que total

negação da existência material, que mortificação moral, que inteligência capaz de grandes cometimentos!” (MIRANDA, 2000, p. 43). Por outro lado, de forma velada, inveja não apenas seu talento, mas também seu casamento com Ester. Essa foi, em síntese, a solução encontrada por Ana Miranda para reunir em um só todos os eus contraditórios de Augusto dos Anjos: um narrador em primeira pessoa que é, ele próprio, ambivalente.

LIFE AS MOSAIC: THE CONSTRUCTION OF AUGUSTO DOS ANJOS IN *A ÚLTIMA QUIMERA*

ABSTRACT

This article analyzes how Ana Miranda, in *A última quimera*, creates the character Augusto dos Anjos, proposing to point out some of the narrative techniques employed by the novelist. In the present analysis, the fictive character Augusto dos Anjos is compared with the lyrical “I” of the poet as well as with the “I” present in its personal correspondence and with the image of the poet which appears in the memoirs of his friends and in his critical reception.

KEY WORDS: Biographical romance, construction of character, Augusto dos Anjos.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Medeiros de. O livro mais estupendo: o Eu. In: ANJOS, Augusto dos. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996. p. 89-97.

ANJOS, Augusto dos. *Toda a poesia*. Apresentação: Otto Maria Carpeaux. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

CUNHA, Fausto. Augusto dos Anjos, salvo pelo povo. In: ANJOS, Augusto dos. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996. p. 165-170.

FREYRE, Gilberto. Nota sobre Augusto dos Anjos. In: ANJOS, Augusto dos. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996. p. 76-81.

GRIECO, Agripino. Um livro imortal. In: ANJOS, Augusto dos. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996. p. 81-89.

LINS, Álvaro. Augusto dos Anjos, poeta moderno. In: ANJOS, Augusto dos. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996. p. 116-127.

MACHADO, Raul. Augusto dos Anjos. In: ANJOS, Augusto dos. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996. p. 97-111.

MELO, A. L. Nobre de. *Augusto dos Anjos e a origem de sua arte poética*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1942.

MIRANDA, Ana. *A última quimera*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

OITICICA, José. Augusto dos Anjos. In: ANJOS, Augusto dos. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996. p. 112-116.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. *O poeta do eu*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Cátedra, 1975.

SOARES, Órris. Elogio de Augusto dos Anjos. In: ANJOS, Augusto dos. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996. p. 60-73.

VIDAL, Ademar. *O outro eu de Augusto dos Anjos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.